

Transmutações da jornada heroica: o épico, o tragicômico e o feminino

Transmutations of the heroic journey: the epic, the tragicomic and the feminine

Transmutaciones del viaje heroico: lo épico, lo tragicómico y lo femenino

Marcelo Bolshaw Gomes

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
marcelobolshaw@ufrnet.br

Resumo

O presente texto reinterpreta o sentido da noção de 'Jornada do Herói', elaborado por Joseph Campbell, tanto no sentido de retornar a sua essência psicológica (e de afastá-lo de um modelo de organização das narrativas), quanto no sentido ampliá-lo em função das mudanças históricas introduzidas pelo protagonismo cristão, pós-moderno e feminino. O objetivo é demonstrar, através de uma pesquisa bibliográfica heterogênea, que a jornada heroica é uma estrutura aberta aos acontecimento e vem se modificando ao longo do tempo. E o resultado é que tanto as narrativas femininas formam um novo contexto das relações entre os sexos como o novo contexto forma ainda mais novos protagonismos. O contexto mostra (a mimese); a narrativa conta (a diegesis).

Palavras-chave: Ciências Humanas. Estudos Narrativos. Jornada do Herói.

Abstract

The present text reinterprets the meaning of the notion of 'Hero's Journey', elaborated by Joseph Campbell, both in the sense of returning to its psychological essence (and of moving it away from a model of organization of narratives), and in the sense of expanding it in function of the historical changes introduced by the Christian, postmodern and feminine protagonism. The objective is to demonstrate, through a heterogeneous bibliographic research, that the heroic journey is a structure open to events and has been changing over time. And the result is that both female narratives form a new context of relations between the sexes and the new context forms even more new protagonisms. The context shows (the mimesis); the narrative counts (the diegesis).

Keywords: Human Sciences. Narrative Studies. Hero's Journey.

Resumen

El presente texto reinterpreta el significado de la noción de 'Viaje del Héroe', elaborada por Joseph Campbell, tanto en el sentido de volver a su esencia psicológica (y alejarla de un modelo de organización de las narraciones), como en el sentido de ampliarlo en función de los cambios históricos introducidos por el protagonismo cristiano, posmoderno y femenino. El objetivo es demostrar, a través de una heterogénea investigación bibliográfica, que el viaje heroico es una estructura abierta a los acontecimientos y ha ido cambiando a lo largo del tiempo. Y el resultado es que ambas narrativas femininas forman un nuevo contexto de relaciones entre los sexos y el nuevo contexto forma aún más nuevos protagonismos. El contexto muestra (la mimesis); el relato cuenta (la diégesis).

Palabras clave: Ciencias Humanas. Estudios Narrativos. El viaje del héroe.

Introdução

Joseph Campbell (1990, 1995) levou as ideias de Jung aos campos da arqueologia, antropologia e história das religiões, que elaborou um modelo estrutural segundo

o qual todos os grandes mitos fundadores das culturas humanas seriam, em última análise, uma única narrativa universal: o 'monomito' (ideia adaptado do romance *Ulisses* de James Joyce). Comparando dife-

rentes mitologias, Campbell elaborou um modelo estrutural chamado de “Jornada do Herói”, em que o protagonista abandona a vida ordinária, mergulha no desconhecido e retorna à dimensão cotidiana. O modelo é composto de 3 fases e 17 momentos. E todas as histórias heroicas são na verdade a repetição dessa única estrutura narrativa.

O roteirista Christopher Vogler usou as teorias de Campbell para criar um memorando para os estúdios Disney, depois desenvolvido como o livro *The Writer's Journey: Mythic Structure For Writers* (*A Jornada do Escritor: Estrutura Mítica para Roteiristas*). Este trabalho influenciou os 10 filmes produzidos pela empresa entre 1989 (*A Pequena Sereia*) e 1998 (*Mulan*), além da trilogia *Matrix* das irmãs Wachowski. O padrão do monomito foi adotado também por George Lucas para a criação da saga *Star Wars*, tanto na trilogia original quanto suas “frequências”.

Vogler faz uma adaptação reduzida da jornada de Campbell, mantendo as três fases narrativas e reduzindo as 17 etapas para apenas 12. Hoje esse modelo narrativo é referência para produção de vários filmes, romances, histórias em quadrinhos e narrativas heroicas. E também para análise dessas narrativas. Porém, além da redução, o protocolo Vogler usa a estrutura da jornada como um modelo de organização das narrativas, completamente dissociado da observação psicológica e do desenvolvimento pessoal de si próprio.

Campbell e outros acadêmicos, tais como Erich Neumann, além descreverem as narrativas de Gautama Buddha, Moisés e Cristo em termos do monomito; também

acreditam que na jornada como um rito de passagem da infância para a responsabilidade comunitária, como um processo pelo qual todos passamos mesmo que involuntariamente. Principalmente agora, que a sociedade enfatiza o risco para engendrar aventuras, todos são heróis em jornada, em um “ciclo de iniciação” em sua trajetória do anonimato à consagração.

Os 12 Estágios da Jornada do Herói¹

- **Mundo Comum** – O primeiro estágio forma o ambiente normal, onde o herói vive junto a outras pessoas, antes de iniciar sua grande aventura.
- **A Chamada** – Aqui um desafio surge e acaba influenciando o herói a sair de sua zona de conforto para cumprir um problema.
- **Recusa ou Reticência** – O personagem tende a recusar ou demorar a aceitar a chamada, resistindo a ‘entrar na dança’. Quase sempre é porque tem medo sente-se inseguro ou incapaz.
- **Mentoria** – No quarto estágio ele se encontra com um mentor, sábio, oráculo; recebe uma ajuda divina ou sobrenatural que o motiva a aceitar a chamada, concedendo-lhe o conhecimento e a sabedoria para encarar a aventura.
- **Cruzamento do Primeiro Portal** – Onde o herói imerge do mundo comum e ultrapassa um portal que leva a um mundo especial, mágico, uma outra dimensão.
- **Provações, aliados e inimigos** – No sexto estágio, o personagem passa por

1 *O que faz um herói?* de Matthew Winkler. Disponível em: <https://youtu.be/Stdko2NIUNI>.

testes, enfrenta problemas, incógnitas surgem. Nesta etapa ele também enfrenta aliados e enfrenta inimigos e acaba aprendendo as regras do novo mundo.

- **Aproximação** – O herói vence as provações.
- **Provação difícil ou traumática** – A maior dificuldade da aventura aparece, como um caso de vida ou morte. Esta é a parte mais dolorida do enredo.
- **Recompensa** – O personagem escapa do fim trágico, supera o medo e adquire a fórmula mágica, a recompensa por ter aceitado o desafio.
- **O Retorno** – Retorna para o mundo comum, volta ao ponto de partida.
- **Ressurreição** – Outro momento decisivo na vida do personagem, mais um teste ao qual ele enfrenta o perigo, a morte e deve usar com veemência tudo que foi aprendido, inclusive a fórmula mágica.
- **Retorno com a fórmula** – Volta para casa com a fórmula a fim de ajudar a todos de seu mundo comum.

No entanto, Campbell ficou tão encantado com essa noção de jornada que não percebeu as mudanças que a narrativa de Jesus Cristo introduziu nesse encantamento das vidas heroicas. A jornada, na versão cristã, deixou de ser épica, tornou-se uma tragédia e o sacrifício substituiu parcialmente a consagração. Digo ‘parcialmente’ porque, como demonstraremos adiante, as características da jornada do herói solar (Gilgamesh, Hércules, que lutam contra deusas da natureza) se sobrepõem ao herói trágico que se sacrifica pelos outros. E,

após a história de Jesus Cristo, *A Divina Comédia* de Dante, *Hamlet* de Shakespeare e *Don Quixote* de Cervantes também vão provocar mutações significativas nos elementos simbólicos dessa jornada psicológica do protagonismo narrativo transmitida inconscientemente de geração em geração pela *máquina mimética* (GOMES, 2022).

O monomito heroico, além de dinâmico, é também imprevisível. De uma hora para outra, o protagonismo feminino insurgiu frente ao antagonismo da sociedade patriarcal. A jornada agora é da heroína (a jornada da alma, que também implica no lado feminino dos homens), inclusive da narrativas mais recentes da Disney e toda indústria do entretenimento.

A transmutação cristã

Porém, apesar de ter vários elementos simbólicos em comum (a morte e ressurreição), a jornada de Jesus é uma tragédia do ponto de vista narrativo e não uma narrativa épica e heroica. Além disso, o arquétipo do Messias é descendente (é a encarnação de Deus) e o do herói, ascendente (é o homem que se torna um semideus).

Mas o heroísmo, para Campbell (1990, p.141), é “o objetivo moral é o de salvar um povo, ou uma pessoa, ou defender uma ideia. O herói se sacrifica por algo”. Todos os heróis precisam passar por um ciclo de “morte” e renascimento por meio do sacrifício, físico ou espiritual, a fim de alcançar um objetivo. Os heróis em suas origens “morrem” como seres comuns em determinada passagem de sua história para retornar imortais.

Melhor seria investigar os aspectos em que a história de Jesus NÃO se encaixa na jornada heroica, observando suas diferenças

e inversões em relação às narrativas míticas. O herói mítico sai do mundo cotidiano, vai ao sobrenatural e retorna ao início no final. Ele supera obstáculos externos e dificuldades pessoais; sua narrativa sugere coragem e entusiasmo, tem um efeito de sentido que nos inspira à ação e a conquista de nossos desejos. E a história de Jesus é uma estória triste, que nos ensina a renúncia voluntária dos sentidos e do mundo material.

Então, enquanto o herói clássico sai do mundo ordinário, visita os reinos mágicos, morre e retorna ao cotidiano vitorioso; Jesus vem do reino espiritual, encarna no mundo material, morre e volta aos céus. Claro que também há a ressurreição e o paráclito, a promessa de retorno no fim dos tempos, mas esses 'retornos' ao mundo são diferentes do eterno retorno às origens da jornada tradicional.

TABELA 1: JORNADA HEROICA X BIOGRAFIA DO PERSONAGEM

Jornada do herói	Biografia de Jesus	Novo Testamento
	Prólogo teológico	(João 1:1-18)
1 – Situação inicial, a comunidade do herói	Genealogia de Jesus	(Mateus 1:1-17) (Lucas 3:23-38)
	Anunciação a José	(Mateus 1:18-25) Anunciação a Maria (Lucas 1:26-38)
	Preparativos para o nascimento	(Mateus 1:25-2:1) - Nascimento (Lucas 2:1-20)
	Epifania	(Mateus 2:1-12)
2 – 1º chamado e recusa à aventura	Circuncisão e Apresentação no templo	(Lucas 2:22-39)
	Fuga para o Egito e Massacre dos bebês por Herodes	(Mateus 2:13-23)
	Jesus no templo	(Lucas 2:41-50)
3 – Encontro com o mentor	Batismo de Jesus e tentação no deserto	(Mateus 3:13-4:11) (Marcos 1:9-13) (Lucas 2:21-22 e Lucas 4:1-13)
4 – 2º chamado à aventura; e 5 – provas	Ministério público	(Mateus 4:12-20,34 e Mateus 21:18-25,46) (Marcos 1:14-10,52 e Marcos 11:20-13,37) (Lucas 4:14-19,27 e Lucas 20:1-21,38) (João 1:35-12,50 e 13:31-17,26)
6 – Pequena crise	A entrada em Jerusalém	(Mateus 21:1-11) (Marcos 11:1-10) (Lucas 19:29-44) (João 12:12-15)

Jornada do herói	Biografia de Jesus	Novo Testamento
7 – O Elixir;	Última Ceia e Eucaristia	(Mateus 26:26-29) (Marcos 14:22-25) (Lucas 22:15-20) (João 13:1-11) (1 Coríntios 11:23-26) 13.
8 e 9 – Morte	Prisão, Julgamento e Crucificação	(Mateus 26:30-27:66) (Marcos 14:32-15:47) (Lucas 22:39-23:56) (João 18:1-19:42)
10 – Renascer	Ressurreição e aparições	(Mateus 28:1-20) (Marcos 16:1-20) (Lucas 24:1-49) (João 20:1-31)
11 – Retorno com o elixir	Aparições na Galileia	(João 21:1-25)
12 – A Glória	Ascensão de Jesus	(Marcos 16:19) (Lucas 24:50-53) (Atos 1:6-11)

Fonte: GOMES, 2011a

“Dai a César o que é César; e a Deus o que é de Deus.” Esse misticismo radical em relação ao poder institucional (presente em todo Sermão da Montanha, por exemplo) foi utilizado pelo mesmo poder institucional como uma narrativa de colonização e inculcação de culpa: o efeito de sentido da narrativa cristã na formação cognitiva do sujeito ocidental, a história de Jesus Cristo vista como um ‘modo de sujeição’ da jornada do herói, o dispositivo histórico do poder pastoral para ‘nos tornar iguais’ perante a Deus e ao Estado (GOMES, 2011a).

Talvez por achar Jesus muito submisso em relação ao mundo material e não concordar com a domesticação da vontade de poder pela consciência mística, o filósofo alemão tenha escrito o livro *Assim falou Zaratrusta* (2009), tentando propor um protagonista menos sofredor para jornada do herói ocidental. Nietzsche projetava em Zaratrusta um messias movido pela alegria e pelo amor (e não pela culpa e pela renúncia ao desejo). Entretanto, a história de Jesus tem um importante efeito de sentido simbólico na formação cognitiva do sujeito, um

impacto de transformação da jornada, que a de Zaratrusta (ou qualquer outra história), não tem. Ser sujeito é sujeitar-se. Sujeitar à própria vontade de poder. O cristianismo é, para o bem e para mal, um dispositivo de sujeição, de nos tornarmos menos animais e mais humanos. A Jornada passa reproduzir o heroísmo trágico que se sacrificar para servir. O argumento contra a igualdade de Nietzsche (1998) surge de sua crítica ao judaísmo e ao cristianismo (a igualdade perante a Deus) e depois se estende à modernidade democrática (a igualdade perante a lei). A igualdade, para ele, é uma doutrina de escravos. Seguir regras é ser “um escravo sem senhor” e a horizontalidade é tratada como um artifício de dominação dos mais fracos sobre os mais fortes – que se sacrificam sua liberdade em nome da igualdade. Liberdade aqui entendida como vontade de potência humana resultante da morte de Deus.

Também Freud, ao postular o complexo de Édipo e considerar o cristianismo como um aperfeiçoamento perverso da neurose resultante do parricídio arcaico, estava se

referindo a esta domesticação dos instintos e desejos na formação cognitiva do sujeito ocidental. O complexo de Édipo, da forma como foi posta em *Totem e tabu* (FREUD, 1990), afirma que a culpa de termos assinados nosso progenitor em termos primitivos foi que nos humanizou e que reproduzimos esse evento arcaico dentro do relacionamento familiar desde então. A psicanálise, no entanto, apenas reifica a culpa cristã em uma domesticação ainda mais perversa, o discurso confessional (FOUCAULT, 1982) e o regime de moratória ilimitada (DELEUZE, 1998). Para esses, seguidores da perspectiva de Nietzsche o cristianismo é um modo de sujeição, independente de gostarmos dele ou não².

A vida de Jesus Cristo como narrativa é a história do maior injustiça de que se tem notícia. É uma narrativa em que o protagonista encarna o papel de bode expiatório cósmico e universal. Ele morreu para redimir os pecados do mundo, ou melhor: os nossos pecados. E essa narrativa teve e tem uma importância na colonização do mundo, na domesticação dos corpos e das almas. O papel que o cristianismo desempenha sobre os indivíduos apenas consolida e amplia tendências culturais mais antigas, vindas de comportamento sexual e alimentar ascético dos latinos (o cuidado de si) e dos helênicos (o uso temperante dos prazeres). Ao enunciar um ‘poder pastoral’, Foucault quis levar a crítica de Nietzsche à ideologia cristã às últimas consequências como um modelo

de domesticação social das almas. Mas esse não era o objetivo principal; seu verdadeiro projeto era entender “como nos tornamos sujeitos”. Assim, como nosso objetivo aqui é compreender, através das narrativas e não da história da sexualidade, as mudanças simbólicas da estrutura da jornada.

Entre a cruz e a espada

Quando, nos primeiros versículos do décimo terceiro capítulo do Evangelho de João, Jesus lava os pés de seus discípulos, instaura-se uma nova forma de liderança e autoridade, uma nova conduta de poder se constitui tanto do ponto de vista ideológico como no organizacional. Por isso, Foucault e os pensadores nietzschianos em geral dão tanta importância à crítica do cristianismo, porque ele representa uma nova conduta de poder, que, diferentemente da conduta do ‘príncipe’ maquiavélico não se baseia na força ou da ação sobre os corpos, mas sim na admoestação das almas e da subjetividade pelo espírito de rebanho. (GOMES, 2010).

As duas condutas, a do Príncipe e a do Pastor, rivalizaram e se completaram por muitos séculos. Durante toda primeira metade da Idade Média, enquanto os padres condenavam os pecados e perdoavam os pecadores, salvando-lhes as almas;³ os soberanos puniam os corpos dos criminosos.

2 Hoje tornou-se lugar comum a crítica ao cristianismo como algo desnecessário ao desenvolvimento do sujeito, mas há vários exemplos que validam a ideia de sua inevitabilidade. Uma narrativa relevante nesse sentido é a conversão ao cristianismo do psicanalista marxista W. Reich, em seu último livro, *O assassinato de Cristo* (1983). Ele entende a sujeição cristã do autossacrifício como um aprofundamento é tão trágica e aterradora, que os próprios cristãos (para não sentir a catarse e a culpa de matar seu salvador) precisam de um Judas para malhar durante a semana da subjetividade necessário ao desenvolvimento, um mundo sem bode expiatório ou macho-alfa.

3 Deleuze e Guattari (1980) também elaboraram o termo ‘espírito de matilha’ em oposição ao ‘espírito de rebanho’ para caracterizar o comportamento de contestação e independência dos indivíduos parcialmente excluídos do condicionamento grupal.

Essa sobreposição entre o poder da Cruz e o poder da Espada equivale a novas transformações da jornada heroica: *Hamlet* de Shakespeare, *A Divina Comédia* de Dante e *Don Quixote* de Cervantes.

*Hamlet*⁴ é uma peça teatral trágico-dramática que, apesar de aparentemente laica, tem um forte componente espiritual. O mundo é governado pelo mal; o herói astuto, filho do pai espiritual traído e morto, desmascara o usurpador através da representação teatral. O texto discute a relação entre o poder, a loucura e a realidade. Porém, ao final da jornada, todos morrem – ou seja: a jornada heroica baseada no complexo de Édipo nos levará à autodestruição.

Já o longo poema *A Divina Comédia*, de Dante,⁵ é uma síntese de toda mitologia anterior realizada na perspectiva cristã, não apenas a mitologia clássica dos gregos e romanos, mas das mitologias arcaicas, em que a visita ao Inferno e às regiões subterrâneas não era nenhuma novidade. As deusas Inanna, da Suméria; Istar da Babilônia; Deméter dos gregos; foram algumas das que desceram aos infernos para se tornarem senhoras dos três domínios (Céu, Terra e Inferno). Também, nos tempos patriarcais, vários heróis alcançaram a imortalidade descendo aos infernos. Há ainda os livros dos mortos (egípcio, tibetano, entre outros) que relatam o percurso da alma após a mor-

te e que também podem ser interpretados como narrativas iniciáticas. A ideia aqui é a da jornada da alma em busca da iluminação e de sua união com a alma gêmea e com o divino. Enquanto Hamlet conspira espiritualmente contra o poder do mundo material e Dante trilha sua jornada pós-morte em outras dimensões, o romance de provérbios *Don Quixote de La Mancha*, o segundo livro mais lido do mundo, mostra um herói dividido entre dois mundos, o real e o imaginário. O herói torna-se um sonhador e um idealista. O protagonismo agora é corajoso e patético, digno de admiração e de pena. O adjetivo ‘quixotesco’ indica a disposição por lutar por causas impossíveis, de lutar contra ‘monhos de vento’ e outros inimigos imaginários.

E esse será o último modelo masculino de jornada heroica. Aliás, a Jornada do herói trágico não foi muito favorável às mulheres. Hamlet é uma narrativa misógina que deprecia o feminino (Ofélia se mata e a rainha Gertrudes é apenas uma peça decorativa). E Beatrice Portinari e Dulcinea de Toboso, em Dante e Don Quixote respectivamente, são mulheres idealizadas, imaginárias, engendradas pela ideologia medieval do amor cortês. São histórias que inserem a narrativa do amor romântico dentro da jornada do herói, determinando um lugar secundário para o feminino.

4 O artigo *Hamlet e a hermenêutica - Das muitas interpretações da triste estória do príncipe da Dinamarca* (GOMES, 2016) analisa quatro adaptações de Hamlet, de William Shakespeare, para o cinema: Laurence Olivier (1948), Franco Zeffirelli (1990), Kenneth Branagh (1996) e Michael Almereyda (2000). Aplicando o método do quadrado narrativo de Greimas, o texto discute as diferentes interpretações da estória e sua relação com a psicanálise (Freud, Jung e Lacan) e com a hermenêutica (Foucault).

5 *Dante no Inferno* (2011b) compara o texto da Divina Comédia, escrita por Dante Alighieri no século XIV, com o DVD de animação “Dante’s Inferno: um épico animado” (2000), ressaltando a síntese mitológica realizada dentro da narrativa em um enquadramento ético cristão nos dois trabalhos e o acréscimo na narrativa digital de subenredos de Dante das Cruzadas e de combates com criaturas infernais, que não existiam na narrativa original. O texto retoma a discussão do sujeito trágico moderno, iniciada no texto anterior, observando principalmente três modelos de representação do eixo ego-self: na literatura, em que o protagonista é o narrador-autor, Dante, o escritor; no vídeo de animação, em que o protagonista é o narrador na primeira pessoa; e no videogame, em que o protagonista é um avatar do jogador.

Do sujeito trágico ao protagonismo feminino

A Jornada do Herói como processo iniciático é uma viagem eminentemente masculina, em um contexto cultural patriarcal. “Iniciação” é um rito de passagem em que um jovem torna-se membro adulto de uma determinada comunidade. Nas lendas que expressam esses processos, os heróis são sempre homens, enfrentando situações masculinas: lutando pela justiça e pela verdade. As mulheres, nessas histórias, correspondem ao Sagrado Feminino ou “*anima* narrativa”, isto é, a representação projetada dos valores femininos do narrador (mediação entre autor e leitor) no interior da narrativa. Com isso, elas são ou meras coadjuvantes, sequestradas pelo dragão e resgatadas para o casamento alquí-

mico final, e/ou então se associam com o mal e seus vilões, dificultando a vida do herói.

Há também histórias em que a mulher é a protagonista em um universo com valores masculinos – como no filme *Jogos Vorazes*, por exemplo. Contar uma história iniciática (uma jornada heroica) em que a mulher e os valores femininos sejam realmente os protagonistas é uma necessidade cultural e uma tendência narrativa contemporânea. Por isso mesmo, Maureen Murdock ficou bastante decepcionada quando questionou Joseph Campbell sobre o papel do feminino na Jornada do Herói.

Em toda tradição mitológica, a mulher é. Tudo o que ela tem que fazer é conscientizar-se que está no lugar



Figura 1 – Fonte: Murdock (apud MARTINEZ, 2008, p. 141)

onde as pessoas estão tentando chegar. Quando uma mulher percebe esta característica maravilhosa, ela não fica confusa com a noção de ser um pseudo macho. (MURDOCK apud MARTINEZ, 2008, p. 139).

Murdock não entendeu a resposta de Campbell, considerando-a machista no sentido de excluir as mulheres da jornada iniciática do autoconhecimento. Ou seja: as meninas não jogam esse jogo simbólico narrativo da transformação espiritual através de aventuras heroicas. A pesquisadora Monica Martinez interpretou a resposta de Campbell de modo diferente (2008, p. 138-143): “o que Campbell quis dizer foi que a mulher não deve se masculinizar para trilhar a jornada iniciática de um ponto de vista externo”. Segundo Martinez, “a mulher já é”, significa que a narrativa feminina é mais interior que exterior; lugar em que os homens estão. Foi, digamos assim, um galanteio antifeminista.

Por outro lado, o episódio motivou a psicóloga na pesquisa de uma jornada mística feminina, com características próprias. Murdock pensa que o foco do desenvolvimento espiritual feminino é o de curar a divisão interna entre a mulher e sua natureza feminina. Ela elaborou uma estrutura de dez passos para representar esse processo feminino.

Martinez quer adaptar a Jornada do Herói de Campbell às questões específicas da mulher (mais profundas e complexas que as masculinas); Murdock prefere formular o próprio processo: a Jornada da Heroína, um roteiro interior para sair do buraco narrativo em que os heróis nos jogaram (MARTINEZ, 2008, p. 143).

Conclusão

É a vida que imita a arte que imita a vida ou será que a arte que imita a vida que imita a arte? Quem veio primeiro: a narrativa ou o contexto?

Esta é a dialética entre mimesis e diegesis. O contexto mostra; a narrativa conta. Mas, ambos são indissociáveis. Assim tanto as narrativas femininas formam um novo contexto das relações entre os sexos como o novo contexto forma ainda mais novos protagonismos.

Em *Mimese e simulação* (GOMES, 2015) é um problematização sobre o herói trágico e a construção histórica e narrativa de um sujeito protagonista/narrador, em luta contra as estruturas narrativas do tempo, personificada na reinvenção contemporânea do mito das três moiras do destino, as tecelãs da intriga, arqui-inimigas do anti-herói pós-moderno.

Porém, nos últimos anos, o protagonismo tornou-se feminino e a sociedade patriarcal tornou-se a antagonista de grande parte das narrativas. Hoje percebe-se que não é suficiente que as mulheres se tornem protagonistas das próprias vidas, elas têm também que contar as próprias histórias. O sagrado feminino não aceita mais seu antigo papel (de par romântico e refém do vilão) e torna-se também protagonista/narradora de sua identidade e de suas narrativas. A jornada da heroína cria um roteiro de desenvolvimento interior (inclusive e principalmente para os homens e/ou para os protagonistas masculinos). O que é realmente importante é mudar (e/ou conjugar) os valores masculinos (a conquista do poder, a justiça e a verdade acima dos interesses) por valores femininos (ocuidado, a solidariedade, a afetividade) e não simplesmente trocar o gênero dos protagonistas.

Referências bibliográficas

- CAMPBELL, J. **O poder do mito**. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. 11. ed. São Paulo: Cultrix; Pensamento, 1995.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1998.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs – Esquizofrenia e Capitalismo**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1980. v. 1.
- FOUCAULT, Michel. **A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.
- FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FREUD, S. Totem e Tabu. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 13, p. 11-125.
- GOMES, Marcelo Bolshaw. **O Encantador de Serpentes – Comunicação e estudos da mídia**. Natal: 2010. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0BxCIeuw8sUXITFNmLUVHQldoQjA/view?usp=sharing>. Acesso em: 16 jul. 2019.
- GOMES, Marcelo Bolshaw. A História de Jesus Cristo como. **BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, v.1, p.1 – 20, 2011a. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/gomes-marcelo-a-historia-de-jesus-cristo-como-narrativa.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2019.
- GOMES, Marcelo Bolshaw. Dante no inferno. **Revista Imaginário**, João Pessoa, n. 01, p. 57-73, UFPB, out. 2011b.
- GOMES, Marcelo Bolshaw. Comunicação e Hermenêutica – apontamentos para uma teoria narrativa da mídia. **Revista Comunicação Midiática**, v. 7, n. 2, p. 26-46, 2012. Disponível em: <http://www.mundodigital.unesp.br/revista/index.php/comunicacaomidiatica/article/viewFile/181/128>. Acesso em: 16 jul. 2019.
- GOMES, Marcelo Bolshaw. O mestre dos sonhos contra as tecelãs da intriga. **Revista Imaginário**, n. 5, p.78-96, 2013a. Disponível em: https://www.academia.edu/8783978/O_mestre_dos_sonhos_contra_as_tecelans_da_intriga. Acesso em: 16 jul. 2019.
- GOMES, Marcelo Bolshaw. Os pergaminhos de Amphipolis. **Revista Temática**, Ano IX, v. 9, n. 10, p. 50-69, out. 2013b. Disponível em: http://www.insite.pro.br/2013/Outubro/pergaminhos_amphipolis_aforismos.pdf. Acesso em: 16 jul. 2019.
- GOMES, Marcelo Bolshaw. Hamlet e a hermenêutica: Das muitas interpretações da triste história do príncipe da Dinamarca. **Rizoma**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 166-181, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/rzm.v3i1.6422>. Acesso em: 16 jul. 2019.
- GOMES, Marcelo Bolshaw. **Mimesis e Simulação – estudos narrativos transmídia**. João Pessoa: Marca de Fantasia/UFPB, 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/18096940/Mimeses_e_Simula%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 16 jul. 2019.

GOMES, Marcelo Bolshaw. **Devaneio da Imaginação Simbólica**. Natal: Editora Universitária da UFRN, v.1. p.120, 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/35369182/Devaneios_da_Imagina%C3%A7%C3%A3o_Simb%C3%B3lica. Acesso em: 16 jul. 2019.

GOMES, Marcelo Bolshaw. Autopoesis & as três mídias: máquina mimética e teoria sistêmica da comunicação. **Revista Temática**, João Pessoa: UFPB, v. 18, n. 3, p. 96, 2022.

MARTINEZ, M. **Jornada do herói**: a estrutura mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Annablume, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**: uma polêmica. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratustra**. Um livro para todos e para ninguém. 3ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

OSHO. **Liberdade** – a coragem de ser você mesmo. Tradução Denise de C. Rocha Delela. Dicas para uma nova maneira de viver. São Paulo: Cultrix, 2006.

REICH, Wilhelm. **O Assassinato de Cristo**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983.

 Data do recebimento: 10/10/2022

Data do aceite: 01/12/2022

Dados da autora:

Marcelo Bolshaw Gomes

Jornalista, doutor em ciências sociais pela UFRN e professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia.